

Revolução

A NOSSA CRONOLOGIA

5.ª Feira, 20

- Manifestação em Belém convocada pelo Secretariado Provisório da Cintura Industrial. Apoio do PCP ao Presidente da República, que discursou. As 24h. é feita a leitura do "Manifesto dos Oficiais Revolucionários".
- O C.R. designa Vasco Lourenço para C.R.M.L.

6.ª Feira, 21

- Reunião do COPCON dos oficiais revolucionários e progressistas para contestar a designação de V. Lourenço para C.R.M.L. Otelio desloca-se a Belém.
- O Presidente da República remete a questão do C.R.M.L. para 2.ª Feira.
- Otelio toma a decisão de aceitar o comando dos "páras".

2.ª Feira, 24 e noite de 24 para 25

- Paralisação do trabalho em 16h, 10h das oficinas e fábricas; leitura de manifestos; aprovação de moções.
- O C.R. confere Vasco Lourenço para C.R.M.L.
- A zona dos agrários faz barricadas nas estradas do Norte de Lisboa.
- Os oficiais do COPCON reúnem-se no CD ECOM.

De 4 chibatadas dos "Comandos" estacionados na Calçada da Ajuda retiraram-se os oficiais P.R.L. depois do Comando deixar unidade das das 5 unidades para retirar-se e desorganizada a acção dos "páras". É ordenado a alguns conselheiros da Revolução - (os membros do CDAD), o C.R. Aérea, o R.M.S.A., Montijo, Monte Real, Tancos e OTA.

3.ª Feira, 25 e noite de 25 para 26

- O Otelio recusa dia e noite em Belém.
- O "Comité de Luta" de Setúbal instala-se na Câmara e dirige a luta.
- Durante o dia a rádio "Voz da Revolução" emite na cidade de Setúbal.
- Planuras na Lianova, por sectores.
- Plenário na Setenave.

Plenário nos Estaleiros de Viana do Castelo, no turno da noite. Manifestação com 1.500 pessoas nesta cidade.

- 19h. - Uma força de Comandos com 25 chibatadas cerca o GDACI e o C. da Região Aérea (que ficam lado a lado).
- O RALIS recusa-se a actuar no GDACI e no C. da Região Aérea em ajuda aos "páras" alegando "falta de material", por ordem do comandante Leal de Almeida.
- Os Fuzileiros não actuam no GDACI e no C. da Região Aérea, por ordem do CEMA (Almirante Filgueiras) e de Márcia Guerreiro.

Várias tentativas frustradas dos oficiais revolucionários, surpreendidos pela situação, para fazer actuar o RALIS e os "fusas".

- 20h. - Os comandos tomam Monsanto (GDACI e COMBA). Prendem 31 militares, entre eles Faria Paulino.
- 21.10 - Duran Clemente é interceptado na TB.

- 21.10 - É declarado o "Estado de Sítio". Depois de às 18.30 ter sido declarado "Estado de emergência".
- 22.10 - É tomado o RCP (Porto Alto).
- 22.20 - A Base de Monte Real é tomada pela direita. Esta Base tinha durante o dia sido cercada por uma manifestação de PS que iniciou durante horas os "páras", enquanto o PC tentava por todos os meios impedir na Marinha Grande uma manifestação de apoio aos "páras".

- Os Comandos dispersam a manifestação que se reuniu em Belém à volta da FN. São dados tiros para o ar. Os Comandos retiram-se.
- 00.55 - Cai a Base da OTA.

S. N. DO NORTE

- Manhã - A PSP ocupa o Aeroporto das Fátimas Hubraes.
- Tarde - O Regimento de Cavalaria do Fuzil vai para Cortiçaça. Avião do Sul segue para o Porto.

S. N. DO CENTRO

- Forças de Aviação e Castelo Branco preparam-se para intervir.

4.ª Feira, 26 e noite de 26 para 27

- Dinis de Almeida vai entregar-se a 2h 15m, pessoalmente, sem informar ninguém.
- 8 h. - A FN é atacada pelos Comandos, à ordem do P.R.L. O Comandante, Campos de Andrade, dá ordem para não resistir alegando que "o RALIS já se tinha entregado". Todos os tiros que são dados são contra os seus próprios e FN cede-se. O comando é dirigido (Major: Tom, Capitão: Inês e Campos de Andrade).

- No Forte de Almada mantem-se ferozmente o dia o plenário das C. Trabalhadores e de Trabalhadores, levantando o problema do armamento. O Capitão Lux, acaba por se ir entregar, transportado por Fuzileiros. Estes ocupam o Forte e depois é o Major Faís que toma o seu CMD.

- Tropas da R.M. Norte reforçam a EPI (Matra).
- Tropas de Aveira, Viseu e Tomar retiram-se a N.M. de Lisboa.

- A EPC (Bentarrán) desce, presa e solta em Beirós.

- O RALIS mantem-se, com forte contração entre o comando, que quer entregar-se e o pessoal, que não é do quadro permanente. Formam-se comandos paralelos no interior e no exterior. No exterior chegam a estar 5.000 manifestantes.

- Concentração de trabalhadores em frente da EFA (Vendas Novas) pedindo armas. Responsáveis locais do PC desmobilizam.

- O PPS (Setúbal) é tomado pela cavalaria da Marinha, que o EFA (Vendas Novas) veio tentar passar.

- Os "páras" vão deixando as várias bases fortificadas pelo cerco e pela total ausência de solidariedade dos comandos das unidades do Fuzil e do Armado. A última base a cair é Montijo, de Fuzileiros de Vale de Cobre nada fazer. Estas Tancos com 1.000 "páras" (800 páras e 400 recrutados).

- Os "páras" de Tancos resistem. Juntam-se a eles militares de várias unidades que se tinham reunido. Fazem todas as diligências para que os Fuzileiros de Vale de Cobre, Aljeitão e Vila Franca conjuguem as suas forças com os "páras", aguardado ainda o RALIS, que se mantém.

Em Lisboa conservavam-se ainda as unidades progressistas de Lisboa, mais pequenas - EPFM, EPAM, SAC, REI - assim como Vendas Novas, no Sul.

3.ª Feira, 27 e noite de 27 para 28

- Os "páras" fazem comunicado, aprovado em plenário, em que é distribuído nos vários pontos do país.
- Uma delegação dos "páras" vem negociar à P. República.

- O RALIS rende-se.
- O RAC mantem-se com comando alentejo. Entretecho o comandante, Major Borges e preso.

- Conflicto no RIF (Fero) entre o comando (direita) e os soldados.
- Cerco do COPCON pelos comandos. Detenção de oficiais (coronel Malhada, Capitão Lourenço Marques, Alentejo Gita, Tancos e outros). Dissolução do COPCON.

- Otelio e Rabão desistem-se.
- Estabelecimento de comando CEMA.
- Manifestação dos SUV no Forte - (3.000 pessoas).

6.ª Feira, 28

- O SAC rende-se às 0h.
- O REI é desactivado.

- No RE-3 o pessoal é passado à disposição e com terra Lisboa.

- Os "páras" de Tancos cedem-se aos planos. Uma parte dos oficiais e soldados segue para o Porto. O restante pessoal é transferido ao passado à disposição. Outra parte do pessoal passa à disposição. Toma conta do comando o coronel Oliveira.

- Rosa Coutinho e Filgueiras desistem-se.

- Os jornais estatísticos são suspensos e emitidos os membros do Conselho de Administração, direcções e Conselho de Redacção.

- O Primeiro Ministro desiste todo o Gabinete.

- O CENFA critica a DORN do PC por ter feito comunicado que foge aos "compromissos" e "plataformas" assumidas pela direcção daquela partido.

CONCLUSÕES

- As movimentações dos trabalhadores, a sublevação nos quartéis, a força dos oficiais revolucionários, a hegemonia das organizações revolucionárias crescia de dia para dia, criando condições para o grande movimento organizado que daria origem à insurreição armada.
- A direita fascista e social-democrata, assim como o reformismo tiveram que evitar por todos os meios que este movimento se desenvolvesse. As "negociações" com os oficiais revolucionários tentadas durante as semanas de 10 a 24 de Novembro, foram frustradas.
- Perante a ineficácia das "negociações", a direita e o reformismo desencadeiam os seus "grandes jogos", ou seja a conspiração provocatória. São de admitir infiltrações de direita na direcção militar ou civil reformista.
- Nenhuma das acções militares é desencadeada pela esquerda revolucionária, nem militar nem civil.
- Militarmente a acção da direita visa destruir os quartéis revolucionários: PM, RALIS, EPFM, EPAM, RAC, RE 1, que são obrigados (os que são atacados) a responder.
- As unidades visadas pela direita são facilmente tomadas (embora algumas delas tenham aguentado 2 dias) porque houve uma total ausência de comando que as coordenasse e desse ordens. O "Comando revolucionário" não existia como salta à vista, prova clara de invenção do "golpe da ex-

- trema-esquerda"; o "comando" responsável pela ida dos páras para as Bases desapareceu de cena, como se não fosse nada com ele...; o Comando do COPCON foi anulado, porque Otelio esteve todo o tempo retido em Belém. Assim se explica o espectáculo trágico da queda sucessiva das várias unidades de esquerda. Não há operação militar conjunta sem comando; daí a eficácia dos Comandos da Amadora.
- Observa-se a "neutralidade" da Marinha. A "rendição" de comandantes como Campos de Andrade e Dinis de Almeida; a imobilidade de unidades como Vendas Novas. São estes dados que permitem que os paraquedistas sejam apanhados como ratos na ratoeira.
 - Em todos os locais o PCP contrariou as acções de mobilização e movimentação dos trabalhadores.
 - Balanço: as unidades revolucionárias são limpas. Os militares revolucionários são presos. Pontos para os reformistas e pontos para a direita. As organizações revolucionárias ficam intactas - nesse aspecto fica anulada a operação. A Região Militar de Lisboa fica nas mãos da direita - começa o fascismo a ganhar terreno. A informação fica totalmente nas mãos da social-democracia e da direita. Ao nível do poder político o compromisso mantem-se: PPD, PS, PC, tanto ao nível do Governo, como do C.R. . Ao Nível das forças políticas há uma maior definição e há um desnascaramento do reformismo.

O desmascaramento do golpe do 25 de Novembro

De acordo com a sua própria cronologia dos acontecimentos, com os documentos que possui e com as várias posições vindas a público durante o período que se desenrolou à volta do golpe militar de 25 de Novembro, o PRP conclui que:

1. Foi montada uma provocação à esquerda revolucionária, militar e civil, no sentido de a liquidar. Para esta operação concorreram simultaneamente, com planos frios e calculados, a direita fascista, a direita social-democrata e a direcção reformista e alguns militares a ela afectos. Esta provocação, que nos lembra o célebre caso do incêndio do Reichstag, feito antes da guerra em Berlim pelo nazis para acusar os comunistas e os judeus e justificar a sua repressão, ficará assinalada na História como uma das mais trágicas provocações - e traições da direcção reformista, que se intitula "comunista". Mas desta vez existem demasiados factos, documentos e testemunhas para que o jogo fique escondido. Tudo virá a lume.

O desencadear de acções golpistas, que em seguida se atribuem à esquerda revolucionária; a traição feita aos "páras" que resistem quatro dias sem que nenhuma força militar se lhes junte; a "neutralidade" da Marinha, determinada pelos seus comandos e conjugada com a "rendição" de alguns comandos de unidades do Exército fundamentais; enfim, o nítido compromisso de não agressão revelado pela situação de privilegiados intocáveis pelos mandatos de captura em relação à Marinha e às figuras gradas do reformismo mantidas no Conselho da Revolução; a manutenção do VI Governo com os seus três partidos - revelam bem a provocação e traição reformista.

Assim, a direita de vários matizes e a direcção reformista fizeram o seu incêndio de Reichstag, para se desfazerem de um inimigo comum - a esquerda revolucionária - sacrificando na sua fogueira os militares revolucionários que enchem hoje a prisão de Custódias e outros que tiveram de fugir entre os quais não se importaram de meter alguns homens que ingenuamente seguiam o reformismo e que por ele foram sacrificados friamente.

2. Mas o reformismo errou os cálculos como sempre o fazem os oportunistas, porque a direita avançou muito mais do que aquilo que supunham; neste momento o reformismo não tem, por exemplo, nenhum jornal onde se exprimir. E até a tendência militar personificada pelos "Nove" errou os cálculos pois a direita galgou barreiras, mal tomou o freio nos dentes, e tem hoje um poder militar que ultrapassa os "Nove" e os ameaça. É já fascista a forma como são presos os militares, como são efectuadas bugças a domicílios; são já fascistas os bandos de civis armados que invadem casas de militantes revolucionários; são já de cunho fascista os programas de T.V. e Rádio; é já fascista a forma como mostram na T.V. a figura do Capitão Fernandes, apelando para a denuncia do seu paradeiro. Por todo o lado a burguesia, com a sua expressão fascista, mostra os dentes. São nomeados para o Comando das unidades homens saneados anteriormente pela sua posição fascista e estão presos, procurados, destituídos os militares que ao longo destes meses se mostraram ao lado dos trabalhadores. As razões apontadas para a sua prisão são pura mentira. A única razão existente é porque são revolucionários.

3. Que a direita tanto fascista como social-democrata e o reformismo acusem provocatoriamente a esquerda revolucionária é natural; é o seu objectivo. Mas que organizações que se dizem revolucionárias o digam é criminoso. É o caso da ORPC (m-1) e do CMLP, a assim como da UDP e da LCI, que aceitam a versão oficial dos factos e ditam sentenças de reprobção ao "aventureirismo" dos revolucionários, nos seus comunicados e jornais.

Que os jornais de direita digam claramente que o "PRP e o MES" são a direcção do golpe, é natural, estão no seu papel. Mas que o "República" também aceite esta mentira e dite sentenças em relação às "posições aventureiras" é trágico e ridículo. É curioso ainda que seja omitido o comunicado deste partido feito durante a crise.

Estas posições lembram-nos bem a dos ratos no navio que se afunda e mostram-nos bem como vai ser difícil manter alguma verdade na informação dos trabalhadores.

4. Mas o navio que se afunda não é o da Revolução é o da "democracia" a que se agarram as várias organizações depois do 25 de Abril, projectando todo o seu trabalho como se a economia fosse um mar de rosas e a situação fosse aguentar o tempo que elas quisessem. Hoje de novo dizemos que ou é a Revolução Socialista ou Fascismo. Não há espaço para situações intermediárias e é por isso que os trabalhadores se têm de organizar rapidamente para a tomada do poder; fechando os ouvidos aos reformismos de várias matizes que funcionam como contra-revolucionários.

As semanas que se seguem vão ser um intervalo curto até a uma nova arrancada da direita. Devem ser utilizadas para o reforço da organização dos trabalhadores, a todos os níveis, dentro e fora dos quartéis. O PRP esteve sempre na vanguarda da mobilização de massas, de Norte a Sul do país, nas fábricas, nas cidades e nos quartéis, durante os dias do golpe. Mas o PRP mantém intactas as suas estruturas e entende que conseqüiu não as expor como os provocadores gostariam que tivesse feito. E isto porque todas as estruturas, todas as forças devem ser usadas no confronto decisivo, quando e como os revolucionários o determinarem e não ao sabor das emboscadas feitas pela direita e pelo reformismo.

O PRP é contra os golpes militares de esquerda, como tem afirmado várias vezes. Não é com conspirações de oficiais que os trabalhadores tomam o poder; não é por "milagre" militar que se resolve o problema. Mantemos firmemente toda a proposta que é feita no Manifesto "Contra a Guerra Civil, Insurreição Armada", do qual não retiramos uma linha.

Entende também que neste momento deve ser feito um grande esforço de informação, pelos meios que são próprios dos trabalhadores e dos revolucionários para contrariar a intoxicação informativa que já se refereu.

Hoje, e uma vez que a feição militar se alterou e que quase todos os comandos de unidade são de direita, o trabalho dentro dos quartéis tem de assumir formas de organização diferentes das anteriores, encontrando expressões unitárias e revolucionárias de vanguarda. Mas ao nível do Poder Popular as Comissões de Trabalhadores e Moradores e os Conselhos eleitos têm de avançar, rompendo com as peias repressivas e encontrando formas de unificação e de coordenação a nível nacional.

Neste momento existe uma maior definição das forças políticas. A insurreição tem todas as possibilidades de levar ao poder os trabalhadores de uma forma unitária e revolucionária, sem equívocos, nem ambiguidades. Hoje como ontem, dizemos UNIR, ORGANIZAR, ARMAR, para a Revolução Socialista.

30 de Novembro de 1975

Secretariado Político do PRP
(Partido Revolucionário do Proletariado)

AOS OPERÁRIOS DAS FÁBRICAS E DOS CAMPOS, AOS SOLDADOS E MARINHEIROS, A TODOS OS TRABALHADORES

Acaba de se abater sobre os trabalhadores portugueses um golpe fascista. Quando na televisão os oficiais responsáveis por este golpe falam de "democracia", "liberdade" "socialismo" estão a mentir. Escondem com esse palavrado aquilo que está a ser uma vasta acção de limpeza da esquerda, que acabará da forma mais sangüinária se os trabalhadores e os revolucionários não travarem a tempo esta avalanche fascista.

A pretexto de um pseudo-golpe da extrema esquerda, a direita tem avançado, marchando sobre as unidades mais progressistas e prendendo os seus comandantes. A prova clara das intenções destes senhores é que prenderam homens como Dinis de Almeida do RALIS, Tomé da PM, capitão Luz do Forte de Almada conhecidos por todos os trabalhadores como verdadeiros revolucionários. E entretanto quem é o partido que apadrinha este golpe? O partido Socialista que rejobia por todo o país. Para eles é este o "socialismo em liberdade" ou seja a liberdade dos patrões continuarem as suas jogadas dentro da grande exploração. E, entretanto o PPD, o CDS e toda a direita preparam-se para se os líderes do governo à Pinochet que se aproxima.

Mas, nesta hora da verdade, a grande traição veio da direcção do PC que mais uma vez mostrou estar disposta a vender-se ao diabo.

Ela que foi capaz de mobilizar os seus militantes para impedir comícios do PS, ela que mobilizava e desmobilizava ao sabor dos boatos de "golpe de direita", ela que provocou manifestações para ganhar forças para negociar nos bastidores, não deu um passo, não se dispôs à mínima resistência perante um real golpe fascista. Assim como a direcção do PC, também os militares que são influenciados por ela traíram miseravelmente os seus camaradas e o povo trabalhador. Deixaram as unidades serem atacadas, deixaram a Dinis de Almeida, Tomé, Luz, Borrega e outros oficiais serem presos, sem levantarem um dedo. Pelo contrário em todo o lado em que poderam andar a dissuadir os trabalhadores de resistir, andaram a dividir, andaram uma vez mais a aconselhar moderação e "soluções políticas". Desde como e quando a direcção deste partido estava comprometida para se calar perante tudo isto não sabemos. Os frutos do seu compromisso poder-se-ão traduzir mais uma vez numa partilha do poder. Mas brevemente o golpe fascista os tragará também a eles.

Camaradas trabalhadores,

Neste momento decisivo é necessário seguir o exemplo dos camaradas paraquedistas de Tancos que resistem heroicamente. É necessário seguir o exemplo dos soldados do RALIS que durante horas têm suportado o cerco da EPC de Santarém. É necessário seguir o exemplo da cidade de Setúbal. Os trabalhadores não podem esperar mais nada do MFA que não existe, nem podem pensar que serão salvos pelo exército português que tal como tem existido é um exército de estrutura burguesa e não um exército revolucionário. E nas últimas horas bem o tem provado.

Os trabalhadores têm que ter neste momento um única direcção: armarem-se e organizarem-se para resistir ao fascismo. Só os trabalhadores armados, juntamente com os soldados e militantes revolucionários podem constituir um exército revolucionário capaz de resistir ao fascismo e de derrotar a burguesia. Os trabalhadores têm de retirar dos quartéis o máximo de armas e constituir Comités de Luta para a distribuição e organização dessas armas. Está nas mãos dos trabalhadores e dos revolucionários o futuro deste país, o futuro dos nossos filhos.

Por todo o lado, nos campos e nas cidades, os trabalhadores têm de armarem-se para que o fascismo não avance. Só assim poderão ganhar posições e constituir o exército revolucionário, que conquiste o poder e faça a Revolução Socialista. É hoje, aqui, que cada trabalhador, cada militante, tem de escolher entre ser oprimido toda a vida ou um revolucionário agora.

CAMARADAS, PEGUEMOS EM ARMAS CONTRA O FASCISMO

LIBERTEMOS OS OFICIAIS REVOLUCIONÁRIOS PRESOS

IMPEDAMOS QUE OUTROS SEJAM PRESOS

FAÇAMOS DE CADA TRABALHADOR UM RESISTENTE E UM REVOLUCIONÁRIO

UNIR ORGANIZAR ARMAR VIVA A REVOLUÇÃO SOCIALISTA

27 de Novembro de 1975

O Secretariado Político do

P.R.P.